

Limiar e transação

Resenha do livro GENETTE, Gerárd. **Paratextos Editoriais**. Tradução de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê editorial, 2009. (Artes do Livro: 7)

GOSHAI DAIAN LOUREIRO*

Paratextos Editoriais, de Gérard Genette, chega ao Brasil como um livro direcionado aos profissionais do design, da editoração e da fabricação de livros. Este direcionamento editorial fica claro nos dados da publicação no site da editora/loja (os descritores de assunto são “livros sobre livros” e “editoração”), mas também no próprio projeto gráfico do livro. A capa repete a composição de cores (preto e bordô sobre um fundo pergaminho) característica da coleção Artes do Livro, e o texto da lombada segue uma padronização gráfica tal que dá à mesma, se visualizada numa estante, o aspecto de uma “enciclopédia”. O livro de Gérard Genette é sobre prestar atenção nestes detalhes e suas implicações sobre a interpretação do texto principal. “É que as obras literárias,” – diz Genette – “pelo menos desde a invenção do livro moderno, nunca se apresentam como um texto nu: vem cercado de um aparato que o completa e protege, impondo-lhe um modo de usar e uma interpretação consentâneos ao propósito do autor”. Essa citação, trecho da introdução reproduzido na quarta-capa do livro, “devolve” ao texto seu outro leitor em potencial, não mais o editor ou design, mas todos os profissionais de interpretação de textos, dentre os quais certamente se encontram (mas não só) os historiadores.

Digo “devolve”, pois essa alusão à dimensão crítica do livro de Gérard Genette, embora ausente no título em português, está presente no título original em francês (*Seuils*) e no subtítulo das edições em inglês (*Paratexts: thresholds of interpretation*), destacando a condição liminar daquilo que o autor chama os *paratextos*. O conceito designa o conjunto de textos, que somados ao texto principal, compõem um livro: título, subtítulo, nome de autor, dedicatórias, epígrafes, prefácios, notas, notícias de jornal, entrevistas, resenhas, *press-releases*, resumos biográficos, dentre outros. Eles representam um limiar, uma zona indecisa, ao mesmo tempo dentro e fora do texto, local de uma *transição* (do manuseio à leitura), mas também de uma *transação*, na qual o leitor é apresentado a determinados “protocolos de leitura” do texto (a expressão é de Michel de Certeau. Genette não a utiliza diretamente, mas em suma, é disso que se trata). Esses protocolos são estabelecidos com o consentimento de

* Doutorando em História das Ciências e da Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (PPGHCS/FIOCRUZ).

editores e autores, mas não inventados exclusivamente por eles, de modo que os paratextos são também um lugar privilegiado em que se manifestam convenções sociais e literárias sobre a leitura. Estar atento a eles é condição básica para qualquer um que deseje evitar a impressão de que é possível um diálogo direto com a consciência do escritor.

A composição e disposição dos capítulos segue a lógica de um inventário, com títulos e intertítulos muito diretos e denominativos, indicando com uma ou duas palavras as principais características e funções de cada tipo de paratexto. Internamente, cada um destes tópicos é recheado de exemplos colhidos da literatura mundial, especialmente a francesa. Com isso Genette não apenas estabelece um vocabulário e uma tipologia bastante precisos, mas simultaneamente os coloca em prática em cada uma das páginas do livro. O tom notarial é amenizado por digressões instigantes sobre a trajetória editorial de livros como o *Ulysses* de James Joyce, *Le Rouge et Le Noir* de Stendhal, as *Fábulas* de La Fontaine, o *Emílio* de Rousseau e as obras de Sir Walter Scott, Baudelaire e outros, para citar apenas os nomes mais conhecidos do público brasileiro. A grande quantidade de citações de obras menos conhecidas da literatura francesa não obscurece a compreensão geral do texto, que aprofunda as digressões somente o necessário para iluminar questões específicas da interpretação de cada tipo de paratexto.

De maneira complementar à disposição dos capítulos, a Introdução funciona aqui como uma espécie de chave para o resto do livro, permitindo ao leitor a possibilidade de consultar o restante da obra de maneira não-linear, munido dos principais conceitos necessários para o entendimento daquela tipologia. De saída, Genette define quatro características fundamentais de todo paratexto: lugar, situação temporal, condição substancial e instância de comunicação. Quanto ao seu lugar, os paratextos são divididos em duas categorias: os peritextos, que são fisicamente contíguos ao texto principal, antecedendo-o, sucedendo-o ou margeando-o; e os epitextos, que circunscrevem o texto mas à distância: são as notícias de jornal, as correspondências de autores, resenhas e outras publicações que produzem impacto sobre a recepção do texto. Quanto à sua situação temporal, o autor chama a atenção para a duração dos elementos de paratexto, seu aparecimento, desaparecimento e possível reaparecimento ao longo das sucessivas edições de um livro. Quanto à sua substância, distingue os paratextos verbais dos paratextos factuais, i.e., que não possuem articulação num suporte material específico, mas que ainda assim possuem efeito sobre a leitura da obra (ex. a idade ou o sexo de um autor(a) e seus efeitos sobre o texto dadas as tradições de uma época). Quanto à sua instância de comunicação, Genette destaca a

importância de interrogar a natureza do destinador e do destinatário das mensagens contidas nos paratextos: trata-se de um paratexto editorial ou autoral? Em relação ao autor do texto principal, sua mensagem é oficial (autorizada) ou oficiosa (de aparência oficial, mas da qual o autor pode sempre negar a validade)? E, finalmente, a força ilocutória da mensagem, seu teor, informativo, conotativo, interpretativo, indicativo, etc.

O interessante nesta tipologia é o modo como ela opera na fluidez das fronteiras entre texto e realidade social. Vide por exemplo a categoria dos “epitextos”, que podem abarcar desde a fortuna crítica de uma obra, sua repercussão em outros livros, jornais e revistas, até escritos íntimos como diários e correspondências do autor; ou ainda a categoria dos “paratextos factuais” que focalizam o modo como instituições e hábitos arraigados constroem e delimitam as leituras possíveis de um texto. Neste ponto o autor de *Paratextos Editoriais*, livro originalmente publicado em 1997, se encontra em sintonia com o autor de *Palimpsests*, seu livro de 1982. Neste a literatura como “palimpsesto”, pergaminho cujo conteúdo foi apagado para permitir sua reutilização, mas que ainda guarda as marcas de usos anteriores; naquele, essa referência aos “limites” do texto; em ambos a convergência em torno de uma análise textual atenta às mediações entre o mundo social e o ato de leitura. Sobretudo neste quesito, o conceito de recepção parece ser requalificado, abrangendo não apenas a distância do horizonte social e das leituras partilhadas por comunidades interpretativas, mas o nível mais concreto e imediato desse conjunto de textos “menores” mas que constitui de maneira indelével a dimensão material da própria obra.

Se prisioneiro de sua moldura estratégica, *Paratextos Editoriais* fornecerá pouco mais que um vocabulário de termos técnicos, tais como paratexto, epitexto, peritexto, hipotexto, autoral, actoral, alógrafo, ântumo, póstumo, temático, remático, apócrifo, onimato, anonimato, pseudonimato, etc. Mas se tomado em seu potencial analítico e interpretativo, o livro pode fornecer um repertório aberto a partir do qual cada pesquisador possa construir suas próprias categorias.